

Literatura, violência e feminicídio

Literature, violence and femicide

Taiane Silvério Camilo¹

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil

Geovana Quinalha de Oliveira²

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil

Resumo: Esta pesquisa visa desenvolver uma leitura reflexiva de dois minicontos escritos por Ana Elisa Ribeiro, a saber: “felizinhas” e “os nomes, não”, ambos inseridos no livro *beijo, boa sorte* (2015). O tema central das narrativas é a violência contra as mulheres em suas diversas faces, particularmente o feminicídio. Para discutir teoricamente essas questões, nosso estudo alia-se às concepções teóricas propostas por Heleieth Saffioti (2015), Gerda Lerner (2019) e Ana Maria Colling (2014). Por fim, o objetivo principal pautou-se na construção de uma leitura política, sociocultural, ética e estética dos minicontos buscando levantar interrogações acerca dos paradigmas sociais impostos pela cultura do patriarcado.

Palavras-chave: Mulheres. Violência doméstica. Feminicídio. Marginalização.

Abstract: This research aims to develop a reflective reading of two mini-stories written by Ana Elisa Ribeiro, namely: “felizinhas” and “os nome, não”, both inserted in the book *kiss, good luck* (2015). The central theme of the narratives is violence against women in its various faces, particularly femicide. To theoretically discuss these issues, our study combines the theoretical concepts proposed by Heleieth Saffioti (2015), Gerda Lerner (2019) and Ana Maria Colling (2014). Finally, the main objective was based on the construction of a political, sociocultural, ethical and aesthetic reading of the mini-stories, seeking to raise questions about the social paradigms imposed by the culture of patriarchy.

Keywords: Women. Domestic violence. Femicide. Marginalization.

1 INTRODUÇÃO

Os minicontos utilizados para análise nesta pesquisa, “felizinhas” e “os nomes, não”, fazem parte do livro *beijo, boa sorte*, escrito por Ana Elisa Ribeiro. Publicado em 2015 pela Editora Jovens Escribas, *beijo, boa sorte* constitui-se a partir de uma série de pequenas narrativas cuja força motriz são as mulheres e as violências que as cerceiam. O livro divide-se em duas partes; a primeira é intitulada “com o rosto em retalhos” e contém 28 minicontos; a segunda parte, “baú de avó”, traz 20 pequenas narrativas. É válido destacar que a autora fez um trabalho minucioso em torno dos elementos que compõem o livro, a exemplo dos aspectos lexicais. Eles podem demonstrar um sentido constitutivo acerca

¹ Pós-Graduada em Linguística Aplicada e Ensino de Línguas pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Mestranda em Linguística na linha de discurso e representação social pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). E-mail: taianecamilo@hotmail.com.

² Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora Adjunta na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFGD. E-mail: geovana.quinalha@ufms.br.

da temática central uma vez que não há o uso de letras maiúsculas no título do livro, tampouco nos títulos dos minicontos, sugerindo, assim, que a história das mulheres foi e ainda é tão marginalizada e inferiorizada que sequer merece o destaque proporcionado pelas letras maiúsculas atribuídas às grandes narrativas da história humana. Ainda em relação aos títulos, em se tratando do texto “felizinhas”, a autora opta por nomear o conto utilizando o diminutivo para se referir às mulheres. Neste caso, o diminutivo sugere uma espécie de “contentamento” da realidade vivenciada pelas mulheres em que estas são apenas felizinhas, incapazes de gozar a vida e serem plenamente felizes. Em relação ao miniconto “os nomes, não”, a negação do título em relação à nomeação aponta claramente para o modo como a violência é uma forma de apagamento, silenciamento e negação do outro.

Os aspectos semióticos do livro incitam e sugerem indícios de violência tanto por meio das seleções lexicais que compõem seu título como também pela escolha da constituição da capa cujas imagens são formadas por gotas e manchas de sangue, como se vê na imagem abaixo:

Figura 1: Capa e contracapa do livro *beijo, boa sorte*



Fonte: Imagem retirada do site da autora³

O título *beijo, boa sorte* composto pelo termo “boa sorte” não aparenta ser, segundo o dicionário online *dicio*⁴, “uma expressão usada quando alguém deseja felicidades e sucesso na esperança de que dê tudo certo” (Dicio, 2021), mas sim uma espécie de aviso, uma despedida, um fim sem solução, sem saída, ou seja, um desejo profundo de sorte para enfrentar o que estará por vir diante da violência histórica e estrutural que cerceia as mulheres.

A necessidade de realizar um recorte para escrever esse artigo nos levou a selecionar apenas dois textos de *beijo, boa sorte*, contudo, isso não significa que apenas essas narrativas abordam as violências de gênero, há em todo o livro um projeto intelectual que problematiza tais questões em suas diversas e diferentes facetas. No campo do imaginário simbólico, por exemplo, aquele que constrói e perpetua modelos de feminilidades e

³ Disponível em: <https://anadigital.pro.br/2020/07/25/beijo-boa-sorte/>. Acesso em: 03.02.2022.

⁴ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/boa-sorte/>. Acesso em: 16.10.2021.

masculinidades advindos do sistema patriarcal, podemos citar os minicontos, “as meninas”, “corredor”, “dos presentes de natal”, “tristeza de jeca”, entre outros, em relação às violências psicológicas, físicas e o feminicídio, temos: “alcaparras mortas”, “incêndio”, “enxuto”, “perguntas perigosas”, “explicação na delegacia ccm”, “sacada” e etc.. Em *beijo, boa sorte* há uma série de narrativas que são representativas da forma como a figura do homem tomou para si o poder da dominação dos corpos das mulheres em diversas e diferentes esferas sociais, privadas e públicas. As personagens femininas são vítimas das mais diversas violências que as oprimem e as matam. Certamente, tais questões nos levam a pensar acerca das relações hierárquicas de dominação e sujeição que continuamente sustentamos e propagamos enquanto corpo social, reflexão que será melhor desenvolvida no tópico seguinte. Ademais, é preciso registrar que compreendemos o texto literário enquanto produto cultural que agrega trabalho estético, ético e político. Nesse sentido, queremos pensar como esses corpos femininos, ainda que ficcionalizados por intermédio da literatura, suscitam reflexões sobre o modo como o sistema patriarcal se constitui, se mantém e se atualiza na sociedade através de imaginários simbólicos, dispositivos, tecnologias e instituições que fundamentam e propagam seus discursos.

Um outro fato que deve ser considerado é o fato de que quando falamos das violências patriarcais não podemos dissociá-las de outras formas de crime como o racismo, a homofobia e a xenofobia, portanto, mulheres, negras, indígenas, brancas, imigrantes, lésbicas, bissexuais, transexuais, independente da classe social, são atingidas por ideologias e estruturas de poder que separam e hierarquizam sujeitos a depender de categoria como classe, gênero, raça/etnia, sexualidade. Toda essa complexa rede de categorias nos constitui como mulheres, marcam nossas peculiaridades históricas e nossas diferentes formas de vida, contudo, para a tessitura desse texto, nosso foco é pensar nas violências contra o gênero feminino advindos do sistema heteronormativo que gera a misoginia, o desprezo, a violência e o assassinato de mulheres.

Por fim, as duas narrativas ficcionais que constituem as escolhas para a análise dessa pesquisa expressam temáticas de suma importância para pensarmos as dinâmicas sociais uma vez que as desigualdades de gênero vividas no âmbito público e privado limitam escolhas, ações e a gerência da própria vida das mulheres. Como afirma Carlos Magno Gomes, discutir textos literários que tematizam violências em relação às mulheres faz parte de uma prática de descolonização da violência de gênero (2020. p. 242, 242), ou seja, de dismantlar o sistema vigente. Queremos salientar, ainda, que a arquitetura dos minicontos transgride a percepção puramente ficcional ao tecer diálogos e reflexões acerca do real, problematizando uma realidade que ainda é tão presente atualmente: a persistência do patriarcado.

2 A PERSISTÊNCIA DO PATRIARCADO E A LITERATURA

Atualmente, torna-se cada vez mais comum o aumento do número de notícias sobre a violência contra as mulheres na sociedade brasileira. Em uma simples pesquisa

realizada no *Google*, partindo-se do nódulo *mulher*, nota-se que a violência em relação às mulheres ainda existe, persiste e é crescente. Isto porque o resultado da busca realizada demonstra uma relação estreita e frequente entre a mulher e a violência, uma vez que a grande maioria das manchetes abrange tal assunto sem que ao menos seja necessário explicitar o nódulo *violência*.

O resultado da busca na plataforma *Google* expõe a realidade de muitas mulheres ao demonstrar a presença da marginalização, das violências e do feminicídio como um fator de destaque central nos noticiários digitais. As narrativas selecionadas, escritas por Ana Elisa Ribeiro, também retratam essa realidade. Assim, tanto por meio dos noticiários como também pelas narrativas literárias é possível observar o quanto ainda precisamos avançar no enfrentamento à violência de gênero no país.

Tais narrativas, apesar de não serem pautadas em histórias reais, (re)tratam a cultura patriarcal cujas consequências desembocam nas violências que dominam, sujeitam e que matam as mulheres, representando um cenário em que a morte do corpo feminino tornou-se habitual, como se vê nas reportagens abaixo:

Figura 2: Busca pelo nódulo *mulher* na plataforma de pesquisa *Google*.



Fonte: Imagem retirada do *Google*⁵

⁵ Busca realizada por meio do site de pesquisa *Google*. Disponível em: https://www.google.com/search?q=mulheres&xsrf=AOaemvK9HfoYsYIsUOvPI5T'ZClevnC6xJg%3A1639995125726&ei=9VbAYaHjK5Op1sQP6vqq8AM&ved=0ahUKEwjhsZv3kfl0AhWTIJUCHWq9Cj4Q4dUDCA4&uact=5&oq=mulheres&gs_lcp=Cgdn3Mtd2l6EAM6BwgjEOoCECc6BAgiECc6DgguEIAEELEDEMcBENEDOGgIABCABBCxAzoLCAAQgAQQsQMqgwE6DgguEIAEELEDEMcBEKMCOgUIABCABDoICC4QgAQQsQM6CwguEIAESgQIQRgASgQIRhgAUABYlgpgpgtoAXABeACAAcEBiAGECJIBAZAuOJgBAKABAbABCsABAQ&sclient=gws-wiz&safe=active&ssui=on. Acesso em: 22.10.2021.

Pode-se observar nos resultados da busca que muito além da violência contra as mulheres, o feminicídio apresenta reincidência nos noticiários digitais. Além disso, há a presença marcante do companheiro, do namorado e do marido como uma figura opressora de destaque nas manchetes observadas. Desse modo,

A relação violenta se constitui em verdadeira prisão. (...) o próprio gênero acaba por se revelar uma camisa de força: o homem deve agredir a mulher, porque o macho deve dominar a qualquer custo; e a mulher deve suportar agressões de toda ordem, porque seu 'destino' assim o determina. (Saffioti, 2015, p.85).

O Atlas da violência de 2021, lançado em agosto e desenvolvido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), apresenta o incremento de 6,1% na taxa de homicídios de mulheres nas residências, demonstrando a urgência de se refletir sobre o tópico em questão, uma vez que a violência doméstica e familiar tem sido um problema social incontestável que vem desencadeando a banalização das mortes das mulheres no país.

Figura 3: Atlas da Violência 2021 divulgado pelo IPEA (Adaptado).



Fonte: IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada).⁶

Partindo-se do Atlas da violência é possível constatar o alto número de assassinatos de mulheres durante o período de 10 anos. Nesse período, foram registradas 50.056 mil mortes, o que indica, infelizmente, que o corpo da mulher é um corpo matável. Como bem pontua Foucault e Lauretis (2018; 1994), dispositivos de poder e de

⁶ Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/3956-dashboard-atlas-2021.pdf>. Acesso em: 26.10.2021.

tecnologias como escola, família, igreja, Estado, mídia, regidos pela herança do patriarcado, atuam na configuração, normalização e controle de nossos corpos, efeito de formatação do qual a ficção literária também não escapa.

Apesar de alguns avanços conquistados, a exemplo da Lei Maria da Penha, em vigor há 15 anos no país⁷ e da promulgação da Lei n. 13.104⁸, de 2015, que passa a considerar o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, ainda temos altos índices de violências de gênero. Isso implica dizer que o fato de termos severas leis não é suficiente para que homens deixem de matar mulheres. Isso ocorre, ao nosso ver, porque não basta termos leis punitivas - apesar de ser indiscutivelmente necessário - é preciso alterarmos os elementos socializadores, nossas formas de ser e de se relacionar com o outro, ou seja, é imprescindível que a base de nossa formação social enquanto sujeitos seja reorganizada para combatermos e prevenirmos a violência doméstica e familiar contra as mulheres. Infelizmente a sina do patriarcado, reproduzida e reforçada na sociedade, não permite que as mulheres estejam seguras nem mesmo dentro de suas próprias casas. Por isso mesmo, acreditamos que somente a lei não basta, é preciso combatermos a perpetuação do ciclo vicioso da violência de gênero.

Deve-se recordar que o gênero, como afirmam Raewyn Connell e Rebecca Pearse (2015, p. 25), “[...] é uma dimensão central da vida das pessoas, das relações sociais e da cultura”, pois trata-se de um *locus* de enfrentamento “[...] que diz respeito à justiça, à identidade e até à sobrevivência”. O conto “felizinhas”, de Ana Elisa Ribeiro aborda com precisão o feminicídio dentro das residências que, segundo o Atlas 2021, sofreu um aumento considerável. Esse aumento pode ser justificado como parte do conservadorismo advindo de ideologias dominantes fundamentadas com base na preservação do patriarcado custe o que custar, custe até mesmo a vida das mulheres. A narrativa de Ana Elisa Ribeiro demonstra a corporalidade enquanto produto social, cultural e político marcado institucionalmente pela banalização do corpo da mulher que leva muitos de nós a convivermos cotidianamente com assédios, injúrias, violências e, em muitos casos, com a própria morte. Pensar essas questões a partir de uma perspectiva de gênero são primordiais para alcançarmos formas outras de análise do texto literário como linguagem que emerge a partir das experivivências⁹.

A violência doméstica e o feminicídio retratados em “felizinha” denunciam as relações hierárquicas de gênero que fazem parte de uma lógica perversa de ameaças constantes ao corpo e à vida das mulheres no âmbito social. A narrativa tem apenas cinco

⁷ Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. “Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências.”

⁸ “A lei federal nº 13.104/2015 incluiu o feminicídio como qualificadora do crime de homicídio, quando cometido contra mulheres, motivado por violência doméstica, discriminação ou menosprezo à condição de mulher.”

⁹ Utilizamos esse termo como referência ao corpo que carrega e apresenta histórias na ficção.

linhas e se constitui por meio das más lembranças que a narradora tem em relação à sua mãe, brutalmente assassinada. Embora a narrativa não especifique a arma do crime, sabemos que o corpo da mãe da narradora foi marcado com sete furos abaixo do seio esquerdo, o que demonstra a crueldade impressa na forma como o assassinato foi cometido. A imagem recordada da mãe é posta através da descrição da mulher com algodão nas narinas e as marcas do assassinato. Em seguida, há também o retrato da lembrança da avó, sempre roxa e com as marcações no pescoço devido às agressões físicas sofridas, assim, os traços da violência estão postos nos corpos das mulheres da família como uma espécie de ornamento: “Lembro da minha mãe com algodão nas narinas e sete furos abaixo do seio esquerdo. Ornamentais”. E também lembro da minha avó roxinha, roxa que nem repolho, com uns ornamentos no pescoço (Ribeiro, 2015, p. 17). Outro elemento impactante da narrativa está no último trecho: “e me ensinaram que elas eram felizes” (Ribeiro, 2015, p. 17). Em diálogo com o próprio título do texto - “felizinhas” - esse enunciado nos dá a dimensão da presença da naturalização da violência sustentada por um repertório de comportamentos e expectativas hegemônicas do feminino. Ademais, nos faz pensar que ainda hoje, grande parte da sociedade, reproduz uma educação sexista e patriarcal que buscar moldar as mulheres para suportar tudo em prol da sustentação de um modelo de família, de uma vida socialmente “estável”, por exemplo.

É importante destacar que, em geral, os homicídios praticados contra mulheres ocorrem em ambiente doméstico, lugar onde muitas vezes a vítima já vem sofrendo outros tipos de violência. Outros membros da família também se tornam vítimas, em especial os/as filhos/filhas. Segundo Rita Segato,

[...] os crimes conhecidos hoje como feminicídios (...) representam uma novidade, uma transformação da violência de gênero ligada às novas formas de guerra. O que estamos testemunhando hoje é o desenvolvimento assustador de novos métodos de ataque contra corpos femininos e feminizados. Essa fúria expande-se sem fronteiras. (...) A violência desencadeada sobre os corpos feminizados manifesta-se em formas inéditas de destruição corporal, bem como no tráfico e comercialização de tudo o que esses corpos podem oferecer. (Segato, 2021, p. 88)

As diferenças de poder entre homens e mulheres e o caráter de guerra embutido no feminicídio, como aponta Segato, fazem parte de uma estrutura social, política e cultural que naturaliza as sujeições das mulheres e ataca tudo o que está ligado ao gênero feminino. No conto, o que se vê é uma vida submetida a maus tratos em prol da manutenção do matrimônio “que tudo suporta”.

Ao lermos o miniconto, somos impelidas/os a pensarmos sobre os papéis sociais preestabelecidos pela cultura patriarcal, como tais padrões afetam e regem os comportamentos dos corpos femininos e, consequentemente, como estabelecem a participação e a exclusão da mulher em determinados espaços sociais, políticos, históricos e culturais. Aborda-se situações cotidianas e experienciadas dentro da casa das vítimas de modo a ilustrar a persistência da cultura patriarcal a partir da qual a organização social e familiar tradicional está fundada. De fato, a narrativa ficcional levanta diversos questionamentos: Até quando a sociedade irá transmitir a ideia de que o casamento é a

base da felicidade feminina e que seu corpo é propriedade do homem? Até quando uma mulher precisa estar em um relacionamento para ser considerada feliz? Como enfrentar o ciclo vicioso da violência? Até quando as mortes de milhares de mulheres serão banalizadas? A cultura patriarcal precisa ser desmantelada e para tanto é preciso impulsionar mudanças discursivas e, conseqüentemente, mudanças nas práticas sociais e culturais alimentadas pelas instituições de poder.

A violência, conforme Saffioti (2015), trata-se de um conceito que é dificilmente definido, pois o senso comum o retrata como sendo uma forma de “ruptura de qualquer forma de integridade da vítima: integridade física, integridade psíquica, integridade sexual, integridade moral” (Saffioti, 2015, p.17), entretanto tal definição pode apresentar inconsistência uma vez que a ruptura que fere a integridade depende da interpretação individual de cada indivíduo.

Sobretudo se tratando de violência de gênero, e mais especificamente intrafamiliar e doméstica, são muito tênues os limites entre quebra de integridade e obrigação de suportar o destino de gênero traçado para as mulheres: sujeição aos homens, sejam pais ou maridos. Desta maneira, cada mulher colocará o limite em um ponto distinto do continuum entre agressão e direito dos homens sobre as mulheres. (Saffioti, 2011, p. 75).

Historicamente, o patriarcado mantém e alicerça as sociedades ocidentais com base em um sistema de opressão cujo lugar da mulher é a da marginalização, tal sistema está estruturado socialmente e é constantemente atualizado por instituições detentoras de poder, ou seja, trata-se de uma relação que não é inata ao ser humano, mas que é imposta, reforçada e perpetuada por meio de práticas discursivas e sociais. Como afirma Saffioti, “[...] o homem sempre foi tomado como o protótipo de humanidade” (2015, p.76).

Ainda que histórica, esta realidade é previamente dada para cada ser humano que passa a viver socialmente. A desigualdade, longe de ser natural, é posta pela tradição cultural, pelas estruturas de poder, pelos agentes envolvidos na trama de relações sociais. (Saffioti, 2015, p.65).

Ao entendermos a manipulação discursiva, cultural e política do patriarcado em relação a nós mulheres, nosso desejo é ler, falar e debater, cada vez mais, sobre a urgência de desnaturalizar esse discurso. As exclusões, os apagamentos, as desvalorizações de mulheres estão intimamente relacionadas às questões de gênero cujas concepções não concernem à esfera biológica entre o homem e a mulher, mas à “relação social construída e incessantemente remodelada, efeito e motor da dinâmica social” (Colling, 2014, p. 28) focadas nas relações de poder voltadas à dominância masculina que é calcada no medo, no pavor e, conseqüentemente, na violência e no feminicídio:

[...] a condição das mulheres não está determinada pela natureza, pela biologia ou pelo sexo, mas é resultante de uma invenção, de uma engenharia social e política. Ser homem/ser mulher é uma construção simbólica que faz parte do regime de emergência dos discursos que configuram sujeitos. Neste sentido, é

necessário criticar, desmontar estereótipos universais e valores tidos como inerentes à natureza feminina. (Colling, 2014, p. 28)

A engenharia social e política que condiciona papéis sociais, apontados na citação acima, conformam ações de violências como a que se vê no miniconto “explicação na delegacia de ccm”: “Ontem saí do primeiro; saí do segundo; o terceiro soco pegou” (Ribeiro, 2015, p. 18). O texto tem apenas duas linhas, mas sua expressão imagética e política é potencialmente forte e impactante.

Nesse palco de papéis socialmente preestabelecidos a literatura surge como um relato cultural, um modo esteticamente criativo, que se aproxima do *lôcus* enunciativo de onde emerge de modo a pensar criticamente o mundo que habitamos e desejamos. Dessa maneira, podemos dizer que as escrituras literárias de Ana Elisa Ribeiro dialogam com a história de muitas mulheres a partir de uma perspectiva de gênero porque lançam luz sobre como nossa sociedade ainda naturaliza estereótipos, sujeições, violências e feminicídios a partir de nichos patriarcais de resistência à emancipação feminina.

No conto “os nomes, não” são abordados tópicos como a violência psicológica, a violência doméstica, o feminicídio e o impacto direto sobre as crianças. Nota-se que o conto ressalta o reflexo da violência doméstica contra a mulher que influencia diretamente na vida das crianças.

A história narra o caso de um feminicídio presenciado pelos filhos do casal e que desencadeou um trauma muito particular nas crianças. Trata-se de um trauma relacionado aos seus próprios nomes. Os irmãos Ercília e Rui não gostavam de escutar seus nomes em razão do passado violento e fatal vivenciado dentro do próprio lar. Os nomes Ercília e Rui foram as últimas palavras proferidas pela mãe antes de ser brutalmente assassinada pelo marido, sendo sufocada até a morte: “Ercília e Rui não gostavam de ouvir os próprios nomes desde que os ouviram pela última vez, na boca da mãe, Isaura, que chamou por socorro até sufocar embaixo do travesseiro” (Ribeiro, 2015, p. 20). O título do texto parece ser uma forma de súplica das crianças para que seus nomes não sejam proferidos porque os associam às violências vivenciadas.

O marido assassinado também é um pai covarde e violento. O pai de Ercília e Rui gritava seus nomes pela casa ameaçando “sapecadas”, correndo a mão no ar e com a fivela do cinto na mão. No trecho abaixo, retirado do conto, é possível observar o sentimento amedrontador que cerceia a vida de Rui e Ercília fazendo com que estes sentissem a necessidade constante de esconderem-se do pai e viverem acuados em decorrência da violência física, psicológica e verbal. As *ameaças pulando dos beijos* representam a violência verbal e psicológica, a *fivela do cinto brilhando* expressa a violência física e, por fim, o *esconderijo atrás da porta da sala* retrata a busca por proteção e refúgio.

Ercília escondia-se atrás da porta da sala e sempre encontrava-se com o irmão ali. Também Rui corria para se esconder do pai, que vinha pelo corredor com a fivela do cinto brilhando e as ameaças pulando dos beijos. (Ribeiro, 2015, p. 20).

Assim, no conto, as crianças associaram seus próprios nomes e, por extensão, suas vidas, a cenas de traumas, violências, submissão e aversão. Como se sabe, a estrutura familiar e o ambiente de convívio refletem e incidem diretamente na educação, na formação e no desenvolvimento de crianças e de adolescentes. Muitas vezes, por exemplo, nota-se transtornos psicológicos, dificuldades de aprendizado e isolamento. Mas, também, é possível que essas crianças e adolescentes desenvolvam comportamentos agressivos e violentos. Isto porque esses sujeitos podem reproduzir o que veem e o que ouvem podendo desencadear e perpetuar um *ciclo vicioso de violência*. Isso nos faz pensar que não basta apenas barrar e punir os atos violentos incidentes na sociedade por meio da justiça, mas é imprescindível considerar também a importância da formação social das crianças e adolescentes como reflexo da futura geração constitutiva da sociedade.

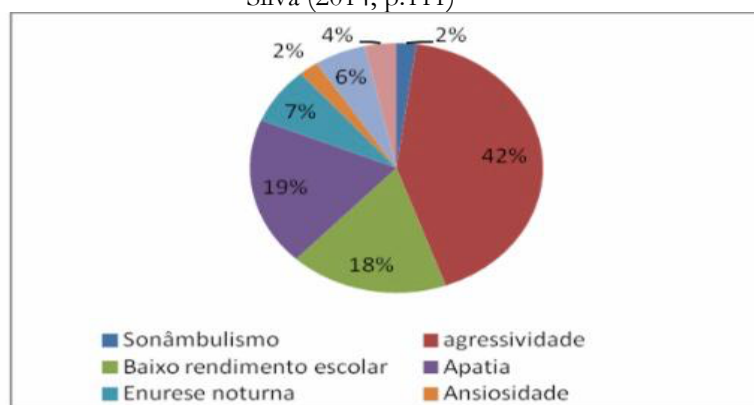
Utilizamos o termo ciclo vicioso para retratar a noção de uma cadeia de eventos ininterrupta que se repete constantemente, assim, consideramos a criança e o/a adolescente enquanto vítima indireta da violência doméstica que em contato com cenas explícitas de violência contra a mulher, por exemplo, dentro do próprio lar poderá reproduzir e perpetuar tais ações de modo naturalizado ao tornar-se adulto ou até mesmo ao longo de sua infância e de sua adolescência.

Pensando nisso, uma pesquisa intitulada *Impactos sociais na vida de crianças e de adolescentes que presenciam violência doméstica contra suas mães*¹⁰, realizada em 2014, retrata os danos da violência indireta sobre crianças e adolescentes em que há incidência nítida de alterações comportamentais como resultado dessa vivência conflitiva. A pesquisa foi realizada com base em dados colhidos em uma instituição voltada ao atendimento de crianças e adolescentes de uma cidade do estado de São Paulo. Partindo-se dos 825 prontuários analisados, observou-se que dentre estes 229 relataram casos de crianças e adolescentes como vítimas indiretas da violência doméstica, ou seja, presenciaram a violência sofrida dentro do lar.

Assim, o seguinte gráfico foi desenvolvido pelas autoras da pesquisa, Lindamar Alves Faermann e Fabiana Andréia Silva (2014), demonstrando as alterações comportamentais das crianças e dos adolescentes que vivem em um ambiente conflitivo com a presença da violência doméstica.

¹⁰ Disponível em: <https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/163> . Acesso em: 26.01.2022.

Gráfico 1: Alterações comportamentais levantadas na pesquisa das autoras Faermann & Silva (2014, p.111)



Fonte: Gráfico obtido por meio de artigo publicado na Revista Ciências Humanas¹¹

Dessa forma, observa-se que a violência doméstica desencadeia sérias consequências na formação das crianças e dos adolescentes e, conseqüentemente, podem refletir na vida adulta sendo carregadas e perpetuadas ao longo de toda a vida. É válido destacar a presença marcante da agressividade enquanto uma alteração comportamental muito observada nas crianças e nos adolescentes que testemunham a violência doméstica. Assim, ao serem submetidas a tal situação conflitiva, é possível que haja a naturalização da violência e a conseqüente reprodução em uma espécie de ciclo vicioso, demonstrando a extrema necessidade de medidas acerca da questão, como nos faz refletir o miniconto “os nomes, não”.

Apesar da literatura não ter compromisso com a realidade, queremos ressaltar que a escrita de Ana Elise Ribeiro - considerando os focos temáticos centrais aqui discutidos - estabelece o entrelaçamento da ficção com a realidade vivenciada por muitas mulheres brasileiras e ao redor do mundo. Os textos tecem uma crítica sociocultural e política que expõe a urgência de reflexões acerca dos temas abordados e da necessidade do desnudamento de ideologias dominantes que excluem e inferiorizam as mulheres, impondo modos de agir, ser e viver.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os contos “felizinhas” e “os nomes, não”, escritos por Ana Elisa Ribeiro, abordam com precisão a violência doméstica que acomete no feminicídio dentro das residências e trazem os traços do conservadorismo advindo de ideologias dominantes fundamentadas com base na preservação do patriarcado custe o que custar, custe até mesmo a vida das mulheres.

¹¹ Disponível em: <https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/163>. Acesso em: 26.01.2022.

No momento mesmo em que tentamos colocar um ponto final nesse texto muitas mulheres estão sendo violentadas e mortas, como ocorreu recentemente com a rapper, professora e ativista negra Jamille Suarhs cujo corpo foi queimado pelo marido. Histórias como essa atestam, infelizmente, que a mulher é vista como o “outro”, como um corpo aprisionado nas relações de gênero que persistem em manter mitos e criar novas teias predatórias para as mulheres.

As narrativas analisadas, apesar de ficcionais, demonstram a realidade de muitas mulheres e são essenciais uma vez que tornam visíveis e faz vir à escritura a violência contra corpos femininos sob a perspectiva da sociedade patriarcal que é cotidianamente reproduzida e atualizada. A construção dos contos selecionados transgride a percepção puramente ficcional ao tecer uma representação que caracteriza e vai de encontro ao real, incorporando a realidade que ainda é tão pertinente atualmente: a sina do patriarcado.

Desta forma, os textos literários permitem não somente a visibilidade de uma realidade que é oprimida, mas também a reverberação de vozes que são silenciadas. A busca por uma mudança social é indispensável para que a vida das mulheres seja preservada, e as narrativas literárias oferecem espaço às mulheres que sempre foram aprisionadas no âmbito doméstico porque predispõem de espaços para a resistência das mulheres em suas formas plurais de ser e sentir. Dessa maneira, podemos dizer que a literatura, portanto, é um gesto político, ético e estético que estabelece relações entre a linguagem, os discursos e a construção de corpos e de identidades.

REFERÊNCIAS

- COLLING, A. M. **Tempos diferentes, discursos iguais**: A construção do corpo feminino na história. Dourados: Editora UFGD, 2014.
- FAERMANN, L. A., & Silva, F. A. (2014). **Impactos sociais na vida de crianças e de adolescentes que presenciavam violência doméstica contra suas mães**. *Revista Ciências Humanas*, 7(2), 20. <https://doi.org/10.32813/2179-1120.2014.v7.n2.a163>
- FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade I – a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2018.
- GOMES, Carlos Magno. “O corpo suplicado no conto de Lygia Fagundes Telles”. **Revista Intertexto**, Uberaba, UFTM: 2020, p. 242- 256.
- LERNER, G. **A criação do patriarcado**: história de opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix Ltda, 2019.
- RIBEIRO, A.E. **beijo, boa sorte**. Natal: Editora Jovens Escribas, 2015.

SAFFIOTTI, H. **Gênero, patriarcado e violência.** 2. ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2015.

SEGATO, Rita. **Crítica da colonialidade em oito ensaios - e uma antropologia por demanda.** Trad. Danú Gontijo e Danieli Jatobá. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.